

L. G. Barros *1919*

Leandro Gomes de Barros

A MORTE DE ALONSO
e a Vingança de Marina



Preço . . . 1.000 rs.

4.^a Edição.—Cuidadosamente revista

EDITORES PEDRO BAPTISTA & CIA.
Rua 7 de Setembro, 17—Guarabira
Estado da Parahyba do Norte

—1919—

Os editores e proprietarios reservam os
direitos de reprodução de accordo com o
artigo 649 do Codigo Civil.

A morte de Alonso
e a Vingança de Marina
COMPLETA



Leandro Gomes de Barros

Nasceu em 1865 no Muni-
cipio da Villa do Pombal, Estado da
Parahyba. e falleceu a 4 de Março
de 1918 no Recife.

AVISO

Tendo fallecido o poeta Leandro Gomes de Barros, passou ao meu possuido a propriedade material de toda a sua obra litteraria. Só a mim pois cabe o direito de reproducção dos folhetos do dito poeta e acho-me habilitado a agir dentro da lei contra quem commetter o crime de reproducção de ditos folhetos.

Previno ás pessoas que negociam com folhetos, que tenho em deposito todos os que o poeta escreveu e que vendo-os pelos preços mais resumidos possíveis, dando bôa commissão.

Pedro Baptista

Guarabira, Estado da Parahyba do Norte.

"LIVRARIA PEDRO BAPTISTA"

RUA 7 DE SETEMBRO N. 17

A MORTE DE ALONSO

—(e a)—

Vingança de Marina

Alonso e Marina são
Conhecidos do leitor,
Aquella que tinha o genio
De um leão devorador,
O titulo do livro d'ella
E' «A força do amor».

O leitor deve ter lido,
Ou ter ouvido contar,
O que Marina soffreu,
Para poder se casar;
De duas mortes que fez
Mesmo no pé de um altar.

Estas mortes foram feitas,
Com grande publicidade,
Perante os maiores homens
Alli d'aquella cidade,
Onde estava o presidente,
A maior autoridade,

O pai quiz casar-a á força,
Com quem ella não queria,
Ella esclareceu ao pae,
Tudo quanto pretendia,
Dizendo que fora de Alonso
Com outro não casaria.

O barão já tinha dado
A um sobrinho a mão d'ella,
O moço veio com um irmão,
Para casar-se com ella,
Ella matou todos dois,
Encheu de sangue a capella.

Então eram quatro irmãos:
Os dois que ella matou,
A baroneza de Ajil,
Que um peixe a devorou;
Braulino, que era pequeno,
Dos quatro foi quem ficou.

O conde de Montalvão,
Sabendo do occorrido,
Adoeceu de repente,
Quasi que perde o sentido,
A mulher quasi que morre,
Pelo que tinha surtido.

O barão lhe tinha escripto,
Contando todos os passados,
Mandou-lhe o punhal com que
Foram os filhos assassinados,

Dizendo o barão: Fui eu
Quem fez elles desgraçados.

Porem aquella assassina
Um dia ha de me pagar
Essa affronta que eu soffri,
D'ella hei de me vingar,
Embora saia depois
Pelo mundo a mendigar.

O conde disse á mulher:
Condessa, nossa esperança
Firma-se toda em Braulino,
Embora seja criança,
Mas, elle inda há de ser homem,
Nós teremos a vingança.

Elle não há de saber
De nada desse occorrido,
Ninguem ha de lhe tratar
O que foi acontecido,
Quando elle tiver idade
Eu lhe farei um pedido.

Este punhal eu o guardo,
Onde elle não o possa ver,
D'aqui só posso tiral-o
Se elle estiver p'ra morrer,
Só o tiro da bainha
Quando elle me prometter.

Depois disso, 12 annos,
A condessa adoeceu

Atacada de uma febre,
Não teve cura e morreu,
Pedi que o conde a vingasse,
O conde lhe prometeu.

Uns oito annos depois,
O conde de Montalvão,
Cahindo muito doente,
Vio que era occasião
De chamar o filho a si,
Lhe fazer declaração.

Chamou Braulino e lhe disse:
Filho do meu coração,
Quero fazer-te um pedido,
Promettes fazel-o então?
O pedido provará
Que és um distincto irmão.

—Prometto, e assim o juro,
Pois são direitos sagrados.
O conde assim mesmo rio-se
Com olhos muito fitados.
Perguntou: Vingas meus filhos,
Que foram assassinados?

—Meu pae! e eu tive irmãos?
Braulino lhe perguntou.
—Tiveste, disse-lhe o conde,
E uma féra os matou,
E por isso tua mãe
Tão depressa se acabou.

Pois bem! Como me promettes,
Escuta-me attentamente:
Um irmão de tua mãe,
O barão de S. Vicente,
Que ha mais de 18 annos
Desta terra está ausente,

Tinha uma unica filha
Que se chamava Marina,
De uma figura elegante,
Porém de uma alma ferina,
Morreram teus dois irmãos
Pela mão dessa assassina.

Enamorou-se de um bandido,
Sujeito até engeitado,
O pae d'ella prendeu elle,
Ella peitou um soldado,
Tirou elle occultamente,
Botou-o n'outro reinado.

Então o barão teu tio
Chamou teu irmão Reinou
E deu-a em casamento
Ella porem rejeitou,
No dia do matrimonio
No altar ella o matou.

Florismundo, outro irmão teu,
Que com elle tinha ido,
Viu quando ella o cravou,
Envestio-a enfurecido,

Ella cravou-lhe o punhal,
Elle cahiu sem sentido.

Teu tio, o barão pae d'ella
Ahi a encarcerou,
O noivo, esse tal Alonso,
Sabendo disso voltou,
Matou o guarda do carcere;
Tirou-a e a carregou.

Braulino escutava tudo
Quanto seu pae lhe dizia,
Pois da morte dos irmãos
Elle ainda não sabia,
Jurou ao pae que Alonso
Com juro lhe pagaria.

E' necessario contar
Tudo quanto aconteceu,
Tudo que o conde pediu
E Braulino prometteu,
Para poder se entender
Toda questão em que deu.

O conde de Montalvão
Vendo que não escapava,
E conhecendo que o filho
Muitas cousas ignorava
Pois elle era o instrumento
Que ao conde tudo vingava.

A condessa morreu logo
E o conde ainda ficou

Ao cabo de quatro annos
A molestia o atacou,
Elle, conhecendo a morte,
Ao filho junto chamou.

Porque elle conhecia
Que dessa não escapava,
Sabia que era seu fim,
Dalli não se levantava,
Outras recommentações
Ao filho ainda faltava.

A' mais de dezoito annos,
A' desenove ou a vinte,
Que o conde de Montalvão
Tinha guardado este acinte.
Chamando o filho p'ra junto
Disse a historia seguinte:

— Meu filho, eu já te contei
Meus sentimentos passados,
Tu já sabes teus irmãos
Por quem foram assassinados,
Quero entregar-te o punhal
Com que foram traspassados.

E abrindo uma gavêta,
Tirou della uma caixinha
E dentro da dita caixa
Um punhal velho continha
Com umas nodoas de ferrugem
Da folha até á bainha.

Com os olhos cheios de lagrimas
Em alta voz exclamou :
—Meu filho, vês estas nodoas
Que aqui te mostrando estou ?
Foi sangue dos teus irmãos
Que em ferrugem se tornou.

Tua mãe antes da morte
Foi o que mais me pediu,
Suas ultimas palavras,
Quando ella se concluiu,
Foi me pedir que a vingasse.
Já morrendo repetiu.

Braulino se ajoelhando
Exclamou : oh pae, descança !
Porque o que tu me pedes
Eu escrevo na lembrança ;
Juro botar em teu tumulo
O sangue desta vingança.

O conde, estirando o braço,
Os olhos nelle fitou :
—Meu filho, pega esta ar...
A palavra não findou,
Fez aceno com a mão,
Nesse momento expirou.

Braulino tomou-lhe o pulso*
De repente entristeceu,
Encontrou o pae sem vida,
Um grande gemido deu,

Dizendo : eu sem pae e sem mãe!
Em que estado estou eu !

Meu pae, meu primeiro amigo,
Este que me deu o ser,
Deixou, ao brotar da vida,
Quem não deseja viver,
Pois que a vida é tão voluvel
Melhor fôra não nascer.

Eu hoje sou um visconde,
Sou por diversos cercado,
Morro amanhã ou depois
Já ahi estou isolado,
O que mais cercou-se de mim
Agora foge assombrado.

Riqueza, opulencia, orgulho,
Tudo é cegueira da vida.
O sentimento moral
Abre na alma a ferida,
Vingança é uma loucura,
Soberba é sempre abatida.

Eu prometti a meu pae
E hei de cumprir a jura,
Embora ella me leve
A' borda da sepultura,
Farei isto, mas sabendo
Que não ha maior loucura.

Quem sabe se essa loucura
Não vem trazer-me o momento

Que eu desça a escada triste
Do leito vil, crapulento,
Me atirando com urgencia
Ao chão do esquecimento!

Mas a jura hei de cumprir,
Não posso disto afastar,
O que prometti a meu pae
Não posso mais revogar.
E promessa que se faz
E' obrigado a pagar.

Se eu morrer por causa disto
E for ao Juiz Divino,
Se for exacto que o homem,
Morrendo toma um destino,
Direi a Deus: foi meu pae
Quem fez de mim assassino.

Fez o enterro do pae,
Depositou o dinheiro,
Disse ao creado: eu morrendo
Você será meu herdeiro.
Preparei meus documentos,
Dixei-o testamenteiro.

E na cava do collete
Poz logo o dito punhal,
Dizendo: este objecto
E' o meu memorial,
Emquanto houver mundo eu ando
Afim de ver meu rival.

E largou-se pelo mundo
Sem saber por onde ia,
Sem direcção nem destino,
Sem pensar no que fazia,
Nem esperou pela missa
Do pae no setimo dia.

Andou em muitos paizes,
Correu a Oceania,
Depois voltou á Europa
Porem de nada sabia,
A todos que elle indagava
Nenhum só o conhecia.

Correu a America Latina,
Depois voltou á Europa,
Disse-lhe um turco que Alonso
Estava em Constantinopla,
Tinha lá sentado praça,
Era capitão de tropa.

Foi elle á Constantinopla,
Chegando lá não o achou,
Um viajante lhe disse
Que ha does annos viajou
Com um homem chamado Alonso
Que no Egypto ficou.

Braulino foi ao Egypto
Como o viajor dizia,
Chegou lá encontrou outro
Que com Alonso parecia,

Era também hespanhol
E Braulino o conhecia.

O espanhol disse a elle
Que se não estava enganado,
Alonso era um individuo
Que já tinha naufragado
Perto da Asia Menor,
E por lá tinha ficado.

Disse Braulino : eu corri
America e Oceania,
Procurei em toda Europa,
Tive de encontrar um dia
Uma noticia incerta
Que quasi nada valia.

Disse o hespanhol a elle :
Quem sabe até se o barão
Não tenha feito esquecida
Da filha a ingratição,
E Alonso se casasse
E não estejam em união!

Pelo que diz o visconde,
Alonso foi prevenido,
Se elle casou-se e inda vive
Estará estabelecido
Com casa cammercial,
De nome bem conhecido.

Disse Braulino : eu corri
Parte da Asia Maior.

—Já correu todo o Japão?
Parte da Asia Menor?
Braulino disse : inda não.
Disse o tal : foi o peor.

Esse maldito hespanhol
Parece que advinhava,
Era mesmo uma certeza
Os calculos que elle formava,
Só quem sabia de tudo
Ou alguém o informava.

Braulino áceitou o plano,
Tomou uma embarcação
Que ia no mesmo dia
Com destino ao Japão,
Embarcou co'um passageiro
Que conhecia o barão.

Disse a elle o passageiro :
O barão é meu conhecido,
Mora no Japão com o genro
Que é lá estabelecido,
Chama-se Alonso de tal,
Dos nomes estou esquecido.

Então Braulino pensou
Que estava bem dirigido,
A vantagem era não ser
Por alguém lá conhecido,
Assentou todos seus planos
Para chegar prevenido.

Então chegou ao Japão,
Hospedou-se n'um hotel,
Lá, achou um japonês,
Um tal de Zurubabel,
Que lhe pareceu ter caracter
De um servo muito fiel.

Então perguntou a elle:
Tu queres ser meu creado?
Zurubabel respondeu:
Quero e lhe fico obrigado,
Pode contar com seu servo,
Lhe servirei com cuidado.

Disse Braulino: E' preciso
Eu lhe expor a condição.
Eu preciso de um creado,
Homem de disposição,
Que seja até assassino
Quando houver occasião.

Lhe disse Zurubabel:
Eu não encaro terror,
Eu só serei assassino
Em defeza do senhor,
Pois o crime para mim
E' uma scena de horror.

Disse Braulino: eu não quero
O senhor para instrumento,
Apenas vou prevenil-o:
Se chegar esse momento

E' necessario fazer-lhe
Um grande esclarecimento.

E é preciso o senhor
Guardar bem esse segredo,
Esse facto é quasi um drama,
E' perigoso o enredo.
Disse o servo: A não ser roubo,
O patrão diga sem medo.

—O senhor conhece Alonso,
Um hespanhol que aqui mora?
Elle morava na Hespanha,
Ha annos que veio embora.
—Conheço muito, é banqueiro,
Passou por alli agora.

Conheci o sogro delle
Que já é morto, o barão;
Conheço a senhora delle,
E' até um figurão,
E' a mulher mais bonita
Que já enrou no Japão.

—Pois bem: esse tal Alonso
Tem uma conta a pagar-me.
Elle uma, a mulher outra,
Dos dois eu quero vingar-me,
Desejo saber se o senhor
Se dispõe a acompanhar-me.

Não exijo que o senhor
No crime se vá metter,

Só quero que me acompanhe,
E faça o que eu mandar fazer,
Tenha cuidado e se aguarde
Para o que poder haver.

Perguntou elle ao creado :
Eu o que devo fazer ?
Qual será o melhor ponto
Para eu o conhecer ?
Disse o servo : No theatro,
Onde melhor pode o ver.

—Sim senhor, disse Braulino
Elle o pode frequentar
Todas noites. —Disse o servo :
Eu tenho visto elle entrar
De braço com a mulher,
E é muito raro falhar.

Disse Braulino ao creado :
Pois bem, você me acompanha.
Depois que isso conseguir
Embarco para a Allemanha,
Você embarca commigo,
E depois vamos á Hespanha.

Vá contratar logo um carro,
Bolieiro habilitado.
Cavallos que sejam bons,
Pague logo adiantado,
Mas veja como faz isso,
Eu quero muito cuidado.

Tirou vinte e cinco libras
E deu-as todas ao creado
Dizendo : Tome dinheiro,
Se aprompte, ande acceiado,
Seja fiel que meu cofre
Para si está recheiado.

Vamos logo ao theatro,
Não percamos as monções,
Eu quero conhecer elle,
Tomar-lhe bem as feições,
Tanto d'elle como d'ella,
Traços, character e acções.

Estavam elles no theatro,
Chegaram Alonso e Marina,
Braulino ao vel-os ficou
Como quem não se domina,
Exclamou comsigo só:
Quanto é bella esta assassina !

Depois, reflectindo o caso,
Dizia : Teve razão,
Complico mais nesse crime
O orgulho do barão
E a grande cobardia
Que apresentou meu irmão.

Se eu não me considerasse
Hoje um homem criminoso,
Se pudesse inda dispor
De liberdade e repouso,

Somente uma mulher digna
Teria a mim como esposo.

Uma que por si somente
Empregasse em mim amor,
Quer feia como a visão,
Quer linda como uma flor,
Mas que risse em meu prazer,
E chorasse em minha dor.

Não exijia que o pae
Fosse um rei ou um creado,
E ella não possuísse
Nem o valor de um cruzado,
Só exijia um character
Que nunca fosse manchado.

Se meu irmão desprezasse
O orgulho e a ambição,
Não desse tanto valor
A dinheiro e a brazão,
Ainda estaria vivo,
Tanto elle como o irmão,

Cuja ambição obrigou
A marchar p'ra sepultura,
E fazer quem não queria,
Commetter uma loucura,
A mesma que hoje me obriga
A passar tanta amargura.

Porque jurei a meu pae,
Na hora que elle morreu,

Que o vingava, inda que fosse
Grande o sacrificio meu,
Quebrar uma jura dessa,
E' o que não faço eu.

Depois pensava consigo:
Como poderei fazer
Esse crime injustamente?
Que resultado hei de ter?
Matar um e deixar outro,
Estou no risco de morrer.

Mas como meu pae pediu-me,
E dizem que o promettido
E' um compromisso sagrado
Como um debito contrahido,
Eu faço, embora depois
Fique disso arrependido.

Foi elle para o theatro,
Aguardando a occasião
Para commetter o crime
De que já tinha intenção.
Depois, no mesmo theatro,
Fez outra combinação.

Terminou o espectáculo,
Braulino se recolheu,
Chegou em casa, deitou-se,
Porem não adormeceu,
Pensando como cumpria
O juramento que deu.

Não era por que temesse
Se sahir mal da empreza;
E' porque repugnava
Crime de tal natureza.
Fazer dois assassinatos
Era um crime sem defeza.

Então no dia seguinte
Combinou com o criado:
—E' hoje a noite do crime,
Você esteja preparado.
Não saia hoje do carro,
Porque o crime hoje é dado.

Depois de ter dito isso,
Viu elle Alonso chegar.
Braulino encostou-se ao carro
Sem nada lhe perguntar,
Cravou-lhe o punhal no peito,
Não o deixou se apeiar.

E partiu para Marina,
Perem, esta se livrou.
Marina com uma lanceta,
O braço lhe traspassou,
Tanto que o punhal cahiu,
E elle não o apanhou.

Marina acudiu Alonso
Que cahira desmaiado,
Apanhou logo o punhal,
Que no chão tinha ficado,

Conheceu-o perfeitamente,
Pois ella o tinha comprado.

Braulino evadiu-se logo,
Nem mais no castello entrou.
Quando commetteu o crime
Na mesma hora embarcou,
A policia o perseguio
Porem não o encontrou.

A diligencia foi feita
Porem foi toda perdida,
Marina acudiu Alonso
Que estava ultimando a vida,
E não dava demonstração
De que estava tão sentida.

Alonso chamou-a e disse:
—Oh! minha esposa querida
Eu morrendo, você cuide,
Em tratar de sua vida,
Já que a sua dura sorte
Sempre foi tão perseguida.

Marina fitou Alonso,
E em voz alta exclamou:
—Hoje a vida para mim
Foi moda que se acabou,
Tratarei della depois
Que matar quem te matou.

Alonso disse a Marina:
—Tenho a pedir-te um favor,

Para tu não te vingares
Daquelle infame trahidor,
Que me matou innocente
Como Christo Redemptor.

Marina lhe disse: Alonso,
Tudo te posso fazer,
Mas não vingar tua morte,
Não posso te prometter,
Inda querendo não posso
Meu genio contrafazer.

Disse-lhe Alonso: Marina,
E' melhor você casar,
Antes de mim se esquecer,
Do que sahir a lutar,
Entregue esse crime a Deus
Pois Deus o sabe vingar.

—Casar-me com outro homem?
Só se for por um castigo.
(Disse Marina). Eu jurei
Viver e morrer contigo,
Tu morres, mas em meu peito
Fulsa um coração amigo.

Minha vida está em ti,
Se nutre com teu amor,
Logo que tu não existas,
Ella murcha como a flor,
Sem ti Deus pode matar-me,
Seja de que morte for.

Eu não conhecia amor,
Teu amor foi o primeiro,
Não procurei ver mais outro,
Elle foi o derradeiro,
Fiz delle uma flor de estima,
Fiz de meu peito um canteiro.

Eston com 42 annos,
Pouco da vida gosei,
Apenas os vintes annos
Que unida a ti desfructei,
Esses foram como um sonho,
Perdi-os quando acordei.

A vingança hoje domina-me,
Sempre activa me rodeia,
Meus dias são como trevas,
A lua torna-se feia,
Sinto sede mas não d'agua:
O sangue é quem me saccia.

A estas ultimas palavras
Alonso olhou-a e sorrio,
Fazendo um pequeno gesto
Logo ahi se concluiu,
Marina gemeu tão alto
Que muito ao longe se ouviu.

A policia averiguando
Com attenção e cuidado,
Não soube por que motivo
Tinha sido o crime dado,

Alonso, naquella terra,
Não tinha um só intrigado.

Disse Marina ao juiz:
Esse crime succedeu
Por vingança de outro crime
Que ha vinte annos se deu,
N'elle Alonso era innocente:
Quem fez o crime fui eu!

E mettendo a mão no seio
Tiron um velho punhal.
Disse: Eu com este matei
Um cobarde sem igual.
Essa ferrugem foi sangue,
Olhem, que vê-se o signal.

Ahi narrou a historia
Que com ella se passou.
Dizendo: Isso foi o irmão
Do que eu matei ficou,
Vingou-se em quem não devia,
Quem teve culpa escapou.

Elle vá a onde fôr,
Sua viagem é pequena,
Se encante como lagarta,
Póde criar até penna,
Inda no ceu eu o mato,
Os anjos verão a scena.

Porque hoje a vida d'elle
Me pertence como herança,

O sangue d'elle é meu ouro,
Não sae da minha lenbrança,
A morte não é capaz
De esquecer-me essa vingança.

Fez o enterro de Alonso,
Sem se mudar a feição,
Botou um retrato della,
Por lembrança, no caixão,
E disse: quando eu vingar-me,
Choro e boto luto então.

Perguntou ao guarda-livros:
Então você me acompanha?
Atreve-se a andar commigo
Em Pariz e na Allemanha,
Em Portugal, na Italia,
Em Dinamarca e Hespanha?

Respondeu o guarda-livros:
Se tem confiança em mim
Eu acompanho a senhora,
Até um de nós ter fim.
Então respondeu Marina:
Me serve é um homem assim.

Agora, caro leitor,
Vamos tratar de Braulino.
Quando praticou o crime
Ficou quasi em desatino,
Sem acertar para onde
Devia tomar destino.

Braulino poude levar,
De Alonso, sangue n'um lenço,
Foi ao sepulchro do pai
Com este objecto immenso,
Olhando os ossos do pai
Ficou d'aquillo suspenso.

Meu pae (disse elle ao tumulo)
Eis o sangue da promessa,
E' obrigado a um filho
Tudo que seu pae lhe peça,
Está o que eu prometti:
Não é minha divida essa?

N'isso Braulino sentio
A sepultura se abrir,
O esquelêto do pai
Erguer-se e do pó sahir,
Quiz falar, ali tombou,
Foi ao mesmo pó se unir.

Uma voz triste e fanhosa
Em echos tristes bradou:
Tira d'aqui este sangue,
Não quero vê-lo onde estou,
Essa maldita vingança
Agora me magoou.

O pedido que te fiz
No momento agonisante,
Se transformou numa seta
De uma ponta penetrante,

Lançando isso em meu rosto
Toda hora e todo instante.

A's noites sou visitado
Por spectros de terror,
Infelises que passaram
Por meu gladio vingador,
Me mostrando todo crime,
Me acusando ao Creador.

Esquelêtos de crianças
Pedindo os pais que eu matei,
Viúvas pedem os maridos
Que eu os assassinei,
Os pobres mostram as contas
Que enquanto vivi roubei.

Sou medonho como as trevas,
Triste como a voz de um sino,
Vem lá da eternidade
Um echo medonho e fino
Me chamando de malvado,
Ladrão, perverso e assassino.

Braulino já estava alli
A perder a paciencia,
Pensando em ter morto um homem
Que só continha innocencia,
Sem escutar os conselhos
Que lhe dava a consciencia.

Agora, caro leitor,
Deixemos aqui Braulino,

Vamos ver Marina agora
Como tomou seu destino
E como fez a viagem
Em busca do assassino.

Deixou os negocios entregues
Ao seu antigo empregado,
Disse a elle: tome conta,
Applique todo cuidado
Faça e desfaça de tudo
E marque seu ordenado.

Então disse ao guarda-livros:
—Vamos entrar em campanha;
O assassino talvez
Se demore na Allemanha
Se nós não o acharmos lá
Vamos depois á Hespanha.

Foi Marina á Allemanha,
Não encontrou mais Braulino,
Soube que elle esteve alli,
Mas tomou outro destino;
Disse ella: Na Hespanha,
Eu encontro o assassino.

Chegou Marina em Hespanha,
Alugou um torreão,
Depois de dias tratou
De tirar informação,
Onde ficava o castello
Do conde de Montalvão.

Foi lá ao dito castello
Mas Braulino não estava;
Perguntou aos criados
Se sabiam onde elle andava;
Disse o criado mais velho
Tudo aquillo ignorava.

Então dizia Marina;
Que desejava falar
Com Braulino Montalvão,
Tinha um negocio a tratar
De uns bens que possuia
E queria hypothecar.

Então pediu a um criado,
Quando o visconde chegasse,
Procurasse um portador,
Com urgencia a avisasse,
Porem preveniu a elle
Que a Braulino não tratasse.

Deu tres libras ao criado
Elle agradeceu-lhe muito,
Disse Marina comsigo:
Essas tres libras é um unto,
Por esse meio é que posso
Obter qualquer assumpto.

Dias depois o criado
Mandou á ella um cartão,
Lhe dizendo: Sr. Visconde
Já chegou em Montalvão,

Se ainda quer lhe falar
E' propria a occasião.

Marina chamou Abel,
E lhe disse: Meu amigo,
Quero saber se está prompto,
Se encara a morte commigo,
Disse Abel: Para servir-a
A morte não é perigo.

Disse Marina: pois bem,
Vamos primeiro pensar,
O castello de Montalvão,
Dois só não podem o cercar,
O certo é ir pela porta,
Resulte o que resultar.

Marina achou na Hespanha
Tres rapazes do Japão
Que estavam morrendo á fome
Sem acharem proteção;
Marina chamando-os disse-lhes:
Dou-lhes roupa, casa e pão.

Só quero que vocês guardem
Um segredo que direi,
Não revelem o meu nome,
Não digam onde eu morei,
Que, quando eu sahir daqui,
P'ra o Japão os levarei.

Então disse ao guarda-livros:
—Abel, temos precisão

De duas ou tres pessôas
Que tenham disposição,
Vamos ver se conduzimos
Os rapazes do Japão.

—E' bom, respondeu Abel,
Ir d'aqui bem prevenido,
Quem deve vive assustado,
Não deixa de estar munido,
Se errar o primeiro golpe,
Vae alterar-lhe o sentido.

Chamou ella os tres rapazes
Marcos, Angelo e Salvador,
Perguntou a todos os tres:
—Vocês fazem-me um favor?
Responderam todos tres:
Fazemos seja o que for.

—E' perigoso, ella disse.
—Não ha perigo, senhora,
Para um de nós lhe servir
Não temos dia nem hora.
Precisa de nossas vidas?
Pode tiral-as agora.

—Pois bem, respondeu Marina,
Sou obrigado a dizer:
Trata-se de uma vingança,
Um crime que hei de fazer,
Mas, eu, exclusivamente,
Sou quem ha de commetter.

—Seja como for, senhora,
(Responderam todos tres)
Damos a vida por si,
Morremos de uma só vez.
Então Marina ainda disse:
Eu agradeço a vocês.

Marina disse a Abel:
Não devemos demorar,
No porto hontem chegou
A barca «Viagem Polar».
Eu escrevo ao capitão
Para por mim esperar.

Leve dinheiro d'aqui,
Quantia que a elle illuda,
Com dinheiro e sympathia
Não precisa mais de ajuda.
Com a presença do dinheiro
Tudo se desfaz e muda.

Abriu uma das gavetas
E tirou della um cartão,
Escrevendo nestes termos:
«Dignissimo capitão,
Quero fretar sua barca
Da Hespanha para o Japão.»

Abel foi ao porto e veio,
Deixando tudo arrumado;
Chegou e disse á Marina:
Deixei tudo preparado,

Na barca só vamos nós,
Assim ficou contratado.

Era meia noite em ponto,
Estava o mundo envolto em trevas,
Piava um ou outro mocho
Nas rochas daquellas selvas,
Como tambem alguns grillos
Chiavam em cima das relvas.

Chegaram então ao castello
Sem alguém os presentir,
Marina trazia um pó
Que obrigava a dormir,
Quem sentisse o cheiro delle
Não podia resistir.

Marina queimou o pó,
Deixou a fumaça entrar,
Abriram uma janella
Para nella penetrar,
Marina seguiu na frente,
Com cuidado, a procurar.

Ahi Braulino acordou,
Ergueu-se, foi ver quem era.
Marina conheceu elle
E gritou—é esta a fera!
Braulino então conheceu
Que a coisa estava *devéra*.

Ainda atirou duas vezes,
Mas nenhum tiro attingiu,

Marina atirando nelle,
Alli mesmo elle cahiu,
Dos criados que elle tinha,
Nenhum o barulho ouviu.

Levaram elle nos braços
E foram logo embarcar,
Marina narcotizou-o,
Tratou logo de o curar.
Desembarcaram no Japão
E ninguem os viu chegar.

Braulino tinha essa tarde
Uma viagem formada,
E tinha dito dito aos criados
Que ia de madrugada,
Deu toda determinação,
Deixou a mala arrumada.

Os criados de manhã
Julgaram elle ter ido,
Visto a sala estar trancada
E a barca ter sahido,
Nem podiam imaginar
Ter aquillo succedido.

A's tres horas da manhã
Elles no porto chegaram,
Marina, Abel e os rapazes
Na barca todos entraram,
Então pegando o caixão
Occultamente o levaram.

Então Marina levou-o,
Mas, elle, narcotizado.
Desembarcaram no Japão,
Da barca elle foi tirado,
Foi para um subterraneo
Que já estava preparado.

Marina deu-lhe um remedio,
Fez elle voltar a si,
Lhe perguntou:—assassino,
Sabes porque estás aqui?
—Pois não! Respondeu Braulino,
Eu sei o que commetti.

—E conheces quem sou eu,
O' instinctos infernaes?
—Conheço, disse Braulino,
E's filha de Satanaz,
Mataste meus dois irmãos,
Acabrunhaste meu pai.

—Porque razão, assassino,
Tu mataste meu marido?
Disse elle: Por meu pae
Me ter feito este pedido,
Inda preso como estou,
Não estou arrependido.

Marina lhe perguntou:
Já sabe que vae morrer?
—Eu supponho, disse Braulino,
Mas, falando sem tremer.

E' o menos que a senhora
Commigo pode fazer.

Marina se retirou,
Deixou-o só na prisão,
E depois no carcere delle
Mandou pôr um lampião.
E mandou pelos criados
Levar-lhe a refeição.

Braulino estava com fome
Porem em nada tocou,
No outro dia Marina
Inda no carcere voltou,
Estava a comida da forma
Que o criado deixou.

Marina lhe perguntou:
Então, como quer morrer?
—Todo systema me serve,
Mate lá como entender,
Morro muito satisfeito
Porque cumpri o meu dever.

Ella ainda perguntou:
Aonde quer se enteriar?
Braulino olhou-a e disse:
Eu não escolho lugar,
Dê meu cadaver aos cachorros
Que é o mesmo que sepultar.

—Fois bem, respondeu Marina,
Já que não quer escolher,

Eu só te mato, assassino,
Depois de te ver soffrer,
Quando te pareça festa
O dia que has de morrer.

Marina então retirou-se.
Disse comsigo Braulino:
Morrerei de fome e sede,
Assim cumpro o meu destino,
Comtanto que não dê gosto
A'quelle genio assassino.

Passou seis ou sete dias
Sem acceitar alimento,
Marina, casualmente,
Entrou no seu aposento.
Disse: A fome a este monstro
Ainda não causa tormento.

Ordenou que os criados
O puzessem sobre o chão,
E á força lhe botassem
Pela bocca agua e pão,
Que elle se alimentasse
Quer quizesse aquillo ou não.

Os criados executaram
O que Marina ordenou,
A' custa de muita força
Braulino se alimentou,
Vendo que comia sempre,
Depois o pão acceitou.

Depois de cinco ou seis dias
Já elle estava mais forte,
Disse Marina—Eu o faço
Arreponder-se da sorte,
Elle ha de curvar-se a mim
Pedindo que lhe dê a morte.

Mandou pôr agua no carcere
Até que fizesse lama,
Para elle não achar
Onde fazer uma cama,
Dizendo—elle ha de curvar-se
Ou dentro d'agua ou em chamma.

Deitaram agua no carcere
Que ficou tudo alagado,
Braulino quando viu agua
Ficou até animado,
Dizendo: Eu agora aqui
Talvez que morra afogado.

Mas a agua era tão pouca,
Que nem mesmo os pés cobria,
E elle ahi conheceu
Que afogado não morria,
E aquelle enorme tormento,
Crescendo de dia a dia.

Seis dias passou na lama,
Lhe appareceu inchação,
Então Marina mandou
Botar-o em outra prisão,

Num quarto á forma de estufa,
Com pouca respiração.

O quarto era muito estreito,
Com grossas taboas forrado;
Em cima d'uma fornalha
Era o carcere collocado,
Qualquer preso, em tal prisão,
Morreria asphyxiado.

Marina mandou botar
Na fornalha um fogo lento,
Que fosse de pouco a pouco
Aquecendo o aposento,
Então alli na prisão
Não apparecia vento.

Braulino rangiu os dentes
Como fera engaiolada,
Exclamando—Oh! ella ainda
Não acha que está vingada?
Acha que a minha existencia
Não está bem amargurada?

Então a acção do fogo
Já tinha tanto crescido,
E Braulino com o calor
Estava tão enfurecido,
Que blasphemava de tudo,
Já desvairando o sentido.

E exclamou:—foi mentira,
Jesus por mim não morreu,

Mil vezes maldita seja
A mãe que me concebeu,
Maldito o pai que gerou-me,
Que tal conselho me deu.

Maldito o primeiro leite
Que meu estomago ingeriu,
Maldito seja este monstro
Que como pai me serviu!
Ahi lhe deu um ataque,
Não sustentou-se e cahiu.

Assim mesmo inda exclamou:
Oh Deus! tem pena de mim,
Toca aquelle coração,
De tyrannia sem fim,
Que venha logo matar-me,
Não faça eu sofrer assim.

Se eu pudesse vê-la agora
Lhe pederia perdão
Pela alma do esposo
Que assassinei sem razão,
Talvez que o nome de Alonso
Lhe abrandasse o coração.

Marina então poudo ouvir
Toda aquella exclamação,
Ouviu falar em Alonso,
Doeu-lhe no coração,
Então mandou os criados
Botar-o em outra prisão.

Quando elle sahiu do quarto
Estava quasi sem sentido,
Exclamava: por Alonso
Fui hoje favorecido,
Deus, perdoai este crime,
De que estou arrependido.

Ao cabo de quatro dias
Elle sempre melhorou,
Pelas dez horas do dia
Marina se apresentou,
Braulino, se ajoelhando,
Prostrado a seus pés chorou,

Dizendo: Minha senhora,
Quero fazer-lhe um pedido,
Eu sei que ainda não paguei
A morte de seu marido,
Por elle crave-me o ferro
Com que elle foi ferido.

Marina, naquella hora,
Suspendendo a colera immensa,
Ora tremia-lhe o corpo,
Ora ficava suspensa,
Disse: eu solto este assassino!
Deus que lhe marque a sentença.

—Assassino, eu te perdo
A morte de meu marido,
Pois elle, antes da morte,
Me deixou este pedido,

No tribunal do eterno
Teu crime será punido.

Suma-se de minha vista!
Então Braulino sahiu,
Embarcou no mesmo dia,
Para a Hespanha seguio,
Sem poder fazer um calculo,
Nem quem foi que o acudiu.

Quando chegou á Hespanha
Pegou elle a reflectir,
Como do gladio da morte
Podia elle sahir:
—Um covarde como eu
Não vale a pena existir.

Já perto de meia noite
Pegou Braulino a pensar
Em abrir o tumulo do pai
E ir se suicidar,
Que um nome negro e covarde
Devia se liquidar.

Fez uma carta á Marina
Dizendo: "Minha senhora,
A morte de seu marido
Ha de ser vingada agora.
Creio que vou morrer já,
Não duro mais meia hora.

Fui um covarde em matar
Á quem nunca me offendeu,

Devido a um pae miseravel
Que seus conselhos me deu,
Matei um homem que era
Mil vezes melhor que eu."

Lançando mão de um revolver,
Correu qual desesperado,
Metteu o ferro no tumulo
Onde o pai estava enterrado,
Dizendo—Ergue-te do pó,
Esqueleto desgraçado!

Veja se esta alma negra,
Do pó a que está reduzida
Vem escutar minha voz,
Tão magoada e sentida,
Ouve o producto que me deu
Tua imprudencia exigida.

Por tua causa soffri
Toda especie de amargura,
Estive em prisões infernaes,
Mais feias que a sepultura,
Mettido em gelo e em chammas
Com a maior desventura.

Porque não me assassinaste
Emquanto eu era pequeno?
Não tinhas tão bons punhaes,
Tantos frascos com veneno?
Maldito seja mil vezes,
O teu agoureiro terreno.

Braulino estava fallando,
Viu os ossos se juntarem,
Surgirem dois esqueletos,
E a elle se botarem,
Com boccas tintas de sangue,
Rangindo os dentes e uivarem.

—Fomos quem te deu o ser,
Então os vultos diziam,
Com dentes enferrujados,
Um ao outro se mordiam,
Duas linguas negras e seccas
Dos esqueletos sahiam.



Braulino suicidando-se

Braulino indo atirou nelles,
Porem não os offendeu,
Os dois vultos o pegaram,
E elle á valla desceu,
Ahi a terra fechou-se,
Tudo desapareceu.

Marina sabendo disto
Ficou muito arrependida,
Dizendo: Eu obrei mal,
Ficando tão enfurecida.
Cinco ou seis mezes depois,
Deixou tambem ella a vida.

No tumulto dos Montalvão,
Ninguém podia chegar,
Que á meia-noite em ponto,
Via-se um echo acordar,
Gemer um, suspirar outro,
Outro a sorte praguejar.



AVISO

Aos professores e negociantes de artigos para escolas, taes como livros em todos os generos e de autores adoptados, ardosias, crayons, lapis, papel para escripta e para desenho, mata borrão, tintas para aquarella e de escripta, compassos e lapis para desenho, giz escolar, cadernos de caligraphia vertical e americana, noções de desenho, series de Alinhavos para trabalhos manuaes, borrachas, furadores para papel, palhêtas para instrumentos, giz marca "Elephante" para bilhar, caixas de papele centos de enveloppes, boletins escolares, cadernos para dictado e todos mais artigos concernentes á livraria, encontram-se á venda na

"Livraria Pedro Baptista"

RUA 7 DE SETEMBRO Nº. 17

Guarabira

5099

Folhetos de Leandro Gomes de Barros

A' VENDA EM GUARABIRA NA

Livraria Pedro Baptista

- A Força do Amôr
A morte de Alonso e Vingança de Marina
A Filha do Pescador
Historia de Rosa e Lino. (O mal em paga do bem)
A Vida e o Testamento de Cancão de Fôgo
A Mulher roubada
O Principe e a Fada
Hist. da Donzella Theodora
Hist. de Branca de Neve
Hist. de João da Cruz
O Boi Mysteroso
O Cachorro dos Mortos
Os sofrimentos de Alzira
O Reino da Pedra Fina
A India (Hist. de Caboclo Brabo)
A Orphã
A vingança de um Filho
A vida de Pedro C. A.
A vida completa de João Lezo
O Nascimento de Antonio Silvino
O sonho de Antonio Silvino
A vida e os Sermões do Padre Cicero
Batalha de Ferrabraz }
A Prisão de Oliveiros } Tirados do livro de C. Magno

NOTA

Devido a alta do preço do papel, todos os folhetos de ora em diante soffrerão ambem pequena alta no preço.

(LGB)